

J.R.R. TOLKIEN

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

BEREN E LÚTHIEN



Com ilustrações de ALAN LEE

Título original: *Beren and Lúthien*

Todos os textos e materiais por J.R.R. Tolkien © The Tolkien Estate Limited, 2017

Prefácio, Notas e todos os outros materiais © C.R. Tolkien, 2017

Ilustrações © Alan Lee, 2017

Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Casa dos Livros Editora LTDA., 2018.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins *Publishers* ou de sua equipe editorial.

Gerente editorial: *Samuel Coto*

Editor: *André Lodos Tangerino*

Produção editorial: *Brunna Castanheira Prado*

Produção gráfica: *Lúcio Nöhlich Pimentel*

Preparação de texto: *Cristina Casagrande*

Revisão: *Daniela Vilarinho e Gabriel Oliva Brum*

Projeto gráfico: *Alexandre Azevedo*

Diagramação: *Sonia Peticov*

Adaptação de capa: *Rafael Brum*

Conversão de e-book: *Guilherme Peres*

CIP—BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T589b

Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973

Beren e Lúthien / J. R. R. Tolkien; editado por Christopher Tolkien; tradução Ronald Kyrmse; ilustração Alan Lee. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

Tradução de: *Beren and Lúthien*

ISBN: 9788595084452

1. Ficção fantástica inglesa. I. Tolkien, Christopher. II. Kyrmse, Ronald. III. Lee, Alan. IV. Título.

18-52645

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Para Baillie.

SUMÁRIO

Gravuras

Prefácio

Notas sobre os Dias Antigos

Beren e Lúthien

O Conto de Tinúviel

Um Trecho do *Esboço da Mitologia*

Um Trecho Extraído de *A Balada de Leithian*

O *Quenta Noldorinwa*

Um Trecho Extraído do *Quenta Noldorinwa*

Um Segundo Extrato de *A Balada de Leithian*

Um Extrato Adicional do *Quenta Noldorinwa*

A Narrativa em *A Balada de Leithian* até seu Término

O *Quenta Silmarillion*

O Retorno de Beren e Lúthien de acordo com o *Quenta Noldorinwa*

Extrato do *Conto Perdido* do Nauglafring

A Estrela da Manhã e do Entardecer

Apêndice

Revisões de *A Balada de Leithian*

Lista de Nomes nos Textos Originais

Glossário

A Casa de Finwë

A Casa de Elwë

A Casa de Bëor

GRAVURAS

“Porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo” (p. 38)

“Mas Tevildo a enxergou onde se empoleirara” (p. 61)

“Sem folhas, mas com negros corvos / em casca e ramo, são estorvos” (p. 93)

“À volta deles, lobos vis; / temem sua sina” (p. 137)

“Então os irmãos cavalgaram para longe, mas traiçoeiramente atiraram para trás, contra Huan” (p. 153)

“Na ponte também, em manto envolta, noite escura, senta e canta” (p. 185)

“Thorondor, Rei das Águias, desce / e ataca” (p. 243)

“Volita à sua frente, dança / balé confuso” (p. 271)

“Certamente é uma Silmaril que ora brilha no Oeste?” (p. 319)

PREFÁCIO

Após a publicação de *O Silmarillion*, em 1977, passei vários anos investigando a história pregressa da obra e escrevendo um livro que chamei de *The History of The Silmarillion* [A História de O Silmarillion]. Este depois se transformou na base (um tanto reduzida) dos primeiros volumes de *A História da Terra-média*.

Em 1981 mandei uma longa carta a Rayner Unwin, presidente da Allen & Unwin, dando-lhe um relato do que estivera fazendo e ainda fazia. Naquela época, como lhe informei, o livro tinha 1.968 páginas com cerca de 42 cm de largura e, obviamente, não servia para ser publicado. Eu disse a ele: “Se e/ou quando você vir este livro perceberá de imediato por que eu disse que não pode ser publicado de nenhuma forma concebível. A discussão textual e as demais são demasiado detalhadas e minuciosas; o tamanho do livro é (e se tornará progressivamente mais) proibitivo. Ele foi feito em parte para minha própria satisfação em acertar as coisas, e porque eu queria saber como todo o conceito realmente se desenvolveu a partir das primeiras origens. [...]

Se houver um futuro para tais investigações, quero me assegurar ao máximo de que quaisquer pesquisas futuras da ‘história literária’ de J.R.R.T. não se transformem em um despropósito devido a uma má compreensão da real história de sua evolução. O caos e a dificuldade intrínseca de muitos dos papéis (as camadas sucessivas de alterações em uma só página manuscrita, as pistas vitais em fragmentos esparsos encontrados em qualquer lugar do arquivo, os textos escritos no verso de outras obras, a

desordem e a separação dos manuscritos, a ilegibilidade parcial ou total em muitas partes simplesmente não podem ser exagerados. [...]

Em teoria eu poderia produzir muitos livros a partir da *História* e existem muitas possibilidades e combinações de possibilidades. Por exemplo, eu poderia produzir o ‘Beren’ com o Conto Perdido^[1] original, *A Balada de Leithian*, e um ensaio sobre a evolução da lenda. Minha preferência, caso chegássemos a algo tão positivo, provavelmente seria pelo tratamento de uma lenda como entidade em desenvolvimento, e não por publicar todos os Contos Perdidos de uma só vez; mas as dificuldades da exposição detalhada seriam grandes em tal hipótese, pois tantas vezes seria necessário explicar o que esteve acontecendo em outro lugar, em outros escritos não publicados.”

Eu disse que apreciaria escrever um livro chamado “Beren” na linha que sugeri, mas “o problema seria sua organização, de modo que o tema fosse compreensível sem que houvesse dominação do editor”.

Quando escrevi isso, estava falando sério sobre a publicação: não tinha noção de sua possibilidade, exceto por minha ideia de selecionar uma lenda isolada “como entidade em desenvolvimento”. Agora parece que fiz exatamente isso — porém sem pensar no que havia dito em minha carta a Rayner Unwin, 35 anos atrás: eu me esquecera totalmente dessa missiva até topar com ela por acaso, quando este livro estava praticamente completo.

Existe, porém, uma diferença substancial entre ele e minha ideia original, que é uma diferença de contexto. Desde então, foi publicada grande parte da imensa provisão de manuscritos relativos à Primeira Era, ou aos Dias Antigos, em edições encerradas e detalhadas, especialmente nos volumes de *A História da Terra-média*. A ideia de um livro dedicado à história em evolução do “Beren”, que eu chegara a mencionar a Rayner Unwin como possível publicação, teria trazido à luz muitos escritos até então desconhecidos e indisponíveis. Mas este livro não oferece uma única página de trabalho original e inédito. Qual é então a necessidade, agora, de um livro assim?

Tentarei fornecer uma resposta (inevitavelmente complexa), ou várias respostas. Em primeiro lugar, um aspecto daquelas edições era apresentar os textos de um modo que exibisse adequadamente a forma de composição de meu pai, aparentemente excêntrico (muitas vezes, na verdade, imposto por pressões externas), descobrindo, assim, a sequência de etapas da evolução de uma narrativa e justificando minha interpretação das evidências.

Ao mesmo tempo, a Primeira Era em *A História da Terra--média* foi, naqueles livros, concebida como *história* em dois sentidos. Era de fato uma história — uma crônica das vidas e dos eventos na Terra-média —, mas era também uma história das cambiantes concepções literárias com o passar do tempo e, portanto, o conto de Beren e Lúthien estende-se por muitos anos e diversos livros. Ademais, visto que esse conto se enredou com o lentamente construído *Silmarillion* e, por fim, tornou-se parte essencial dele, seus desenvolvimentos estão registrados em sucessivos manuscritos que tratam primariamente de toda a história dos Dias Antigos.

Portanto, não é fácil acompanhar a história de Beren e Lúthien, como narrativa singular e bem definida, em *A História da Terra-média*.

Em uma carta muito citada de 1951, meu pai chamou o conto de “a principal história do *Silmarillion*” e, sobre Beren, disse que ele era “o mortal proscrito que tem sucesso” (com o auxílio de Lúthien, uma mera donzela, apesar de ser uma Elfa régia) naquilo em que todos os exércitos e guerreiros fracassaram: ele penetra no reduto do Inimigo e arranca uma das Silmarilli da Coroa de Ferro. Assim, ele conquista a mão de Lúthien, e realiza-se o primeiro casamento entre mortal e imortal.

“Como tal, a história é um (creio que belo e poderoso) romance de fadas heroico, passível de ser recebido por si só mediante apenas um conhecimento geral e vago do pano de fundo. Mas é também um elo fundamental do ciclo, destituído de seu pleno significado se for retirado do lugar que lá ocupa.”

Em segundo lugar, minha intenção neste livro é dupla. Por um lado, tentei separar a história de Beren e Tinúviel (Lúthien), de forma que se mantenha por si, na medida em que isso seja possível (em minha opinião), sem distorções. Por outro lado, quis mostrar como esta história fundamental evoluiu ao longo dos anos. Em meu prólogo do primeiro volume de *O Livro dos Contos Perdidos*, eu disse sobre as mudanças nas histórias:

Na narrativa da história da Terra-média, a evolução raramente foi por franca rejeição — muito mais frequentemente foi por sutil transformação em etapas, de modo que o crescimento das lendas (o processo, por exemplo, pelo qual a história de Nargothrond entrou em contato com a de Beren e Lúthien, um contato do qual não existe nem sugestão nos *Contos Perdidos*, apesar de ambos os elementos estarem presentes) pode parecer-se ao crescimento das lendas entre os povos, o produto de muitas mentes e gerações.

É característica essencial deste livro que estes desenvolvimentos da lenda de Beren e Lúthien sejam mostrados nas próprias palavras de meu pai, pois o método que empreguei foi o de extrair trechos de manuscritos muito mais longos, em prosa ou em verso, escritos ao longo de muitos anos.

Também dessa forma são trazidos à luz trechos de descrição detalhada ou de urgência dramática que se perdem no modo resumido e condensado que é característico de tantos escritos narrativos de *O Silmarillion*; é possível até descobrir elementos da história que, mais tarde, foram totalmente perdidos. Um exemplo é o interrogatório de Beren, Felagund e seus companheiros, disfarçados de Orques, feito por Thû, o Necromante (a primeira aparição de Sauron), ou o surgimento na história do apavorante Tevildo, Príncipe dos Gatos, que claramente merece ser lembrado, por mais breve que tenha sido sua vida literária.

Por fim, citarei outro dos meus prefácios, o de *Os Filhos de Húrin*:

É inegável que existem muitos leitores de *O Senhor dos Anéis* para quem as lendas dos Dias Antigos [...] são totalmente desconhecidas, a não ser por sua reputação de estranhas e inacessíveis no modo e na maneira.

É também inegável que os volumes em questão de *A História da Terra-média* podem muito bem apresentar um aspecto intimidante. Isso ocorre porque o modo de composição de meu pai era intrinsecamente difícil; e um objetivo primário da *História* foi tentar desemaranhá-lo, exibindo, assim, (pode parecer) os contos dos Dias Antigos como uma criação de incessante fluidez.

Creio que ele poderia ter dito, explicando algum elemento rejeitado de um conto: “Cheguei a ver que não era assim; ou percebi que esse não era o nome correto. A fluidez não deve ser exagerada.” Houve, ainda assim, grandes e essenciais permanências. Mas certamente eu esperava, ao compor este livro, que ele mostrasse como a criação de uma antiga lenda da Terra-média, mudando e crescendo ao longo de muitos anos, refletiu a busca do autor por uma apresentação do mito mais próxima de seu desejo.

Em minha carta de 1981 a Rayner Unwin, observei que, caso eu me restringisse a uma única lenda dentre as que compõem os *Contos Perdidos*, “as dificuldades da exposição detalhada seriam grandes em tal hipótese, pois tantas vezes seria necessário explicar o que esteve acontecendo em outro lugar, em outros escritos não publicados”. Esta demonstrou ser uma previsão acurada no caso de *Beren e Lúthien*. Algum tipo de solução precisou ser encontrado, pois Beren e Lúthien não viveram, amaram e morreram com seus amigos e inimigos sobre um palco vazio, solitários e sem passado. Portanto, segui minha própria solução em *Os Filhos de Húrin*. Em meu prefácio desse livro eu escrevi:

Parece inquestionável, a julgar por suas próprias palavras, que, caso pudesse completar narrativas finais e acabadas na escala que desejava, meu pai

considerava os três “Grandes Contos” dos Dias Antigos — “Beren e Lúthien”, “Os Filhos de Húrin” e “A Queda de Gondolin” — obras suficientemente completas, que não demandavam um conhecimento do grande corpo de lendas conhecido como *O Silmarillion*. Por outro lado, [...] o conto dos Filhos de Húrin é parte integrante da história dos Elfos e dos Homens nos Dias Antigos e há, necessariamente, um bom número de referências a acontecimentos e circunstâncias dessa história mais ampla.

Forneci, portanto, “um esboço muito breve de Beleriand e seus povos perto do fim dos Dias Antigos” e incluí “uma lista de todos os nomes que aparecem no texto, com indicações muito concisas sobre cada um deles”. Neste livro adotei de *Os Filhos de Húrin* esse breve esboço, adaptando-o e encurtando-o e, da mesma forma, forneci uma lista de todos os nomes que aparecem no texto, neste caso com indicações explicativas de natureza muito variada. Nada neste material acessório é essencial, mas a intenção é de que seja meramente um auxílio, caso seja desejado.

Um problema adicional que eu deveria mencionar surgiu com as mudanças de nomes, muito frequentes. Seguir com exatidão e consistência a sucessão de nomes em textos de diferentes datas não serviria ao propósito deste livro. Portanto, não obedeci a nenhuma regra a esse respeito, mas, por várias razões, distingui o velho do novo em alguns casos, embora não em outros. Em inúmeras ocorrências meu pai alterou um nome em um manuscrito em um momento posterior, ou até muito posterior, porém não consistentemente. Por exemplo, *Elfin* por *Elven*.^[2] Nesses casos fiz com que *Elven* fosse a única forma, assim como optei por *Beleriand* ao invés do *Broseliand* anterior; mas em outros casos mantive ambas as ocorrências, como em *Tinwelint* e *Thingol*, *Artanor* e *Doriath*.

O propósito deste livro, portanto, é bem diverso daquele dos volumes de *A História da Terra-média*, dos quais derivou. Ele enfaticamente não pretende ser um acessório daqueles livros. É uma tentativa de extrair um elemento narrativo de uma vasta obra de extraordinária riqueza e

complexidade, mas essa narrativa, a história de Beren e Lúthien, estava ela própria em contínua evolução e desenvolvendo novas associações à medida que mais se engastava na história mais ampla. A decisão do que incluir e do que excluir daquele mundo antigo “em geral” só pôde ser objeto de julgamento pessoal, muitas vezes questionável; em tal tentativa não podia haver “modo correto” atingível. No geral, porém, errei pelo lado da clareza e resisti ao impulso de explicar, temendo solapar o propósito e o método primários do livro.

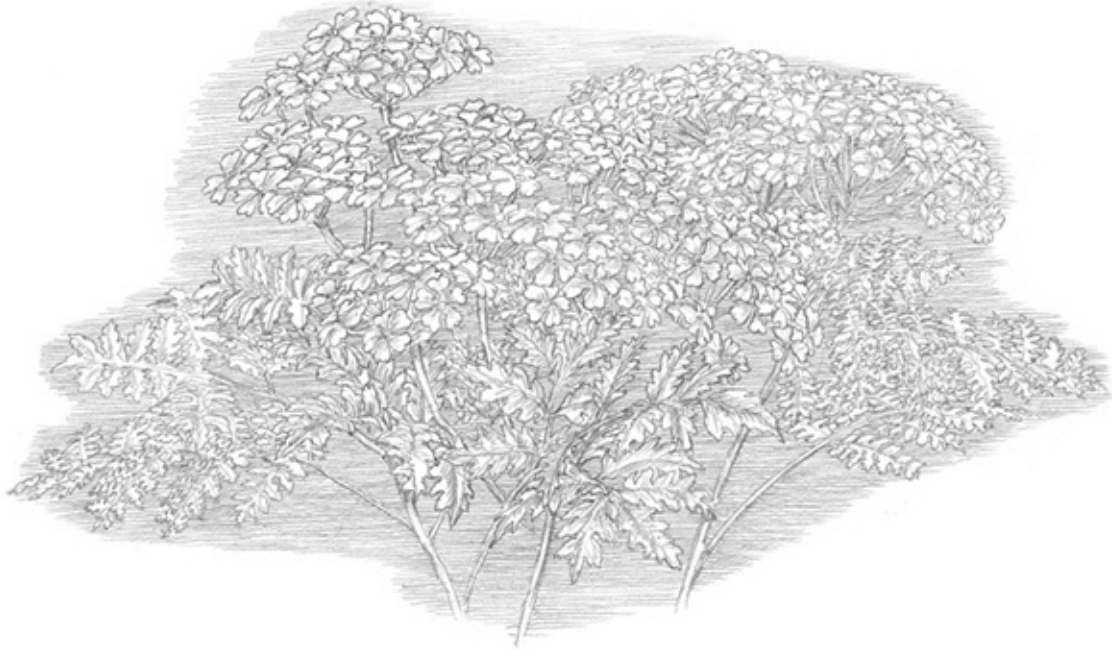
No meu nonagésimo terceiro ano de vida, este é (presumivelmente) meu último livro na longa série de edições dos escritos de meu pai, em sua grande maioria inéditos até então, e tem uma natureza um tanto curiosa. Este conto foi escolhido *in memoriam* por causa de sua presença profundamente enraizada na própria vida dele e por sua intensa reflexão sobre a união de Lúthien, a quem chamou de “a maior dos Eldar”, com o Homem mortal Beren, sobre seus destinos e sobre suas segundas vidas.

Ele remonta a um caminho distante da minha existência, pois é minha mais antiga recordação efetiva de algum elemento em uma história que me estava sendo contada — não simplesmente uma imagem lembrada do local da narrativa. Meu pai a contou para mim, ou partes dela, falando sem nenhum escrito, no começo da década de 1930.

O elemento da história que recordo, com os olhos da mente, são os olhos dos lobos que surgiam um a um na treva do calabouço de Thû.

Em uma carta que me enviou acerca de minha mãe, escrita no ano após a morte dela, que foi também o ano antes de sua própria morte, ele escreveu da sua esmagadora sensação de privação e do seu desejo de que o nome *Lúthien* fosse inscrito no túmulo de minha mãe, abaixo do nome dela. Nessa carta, assim como na citada na p. 27 deste livro, ele retornou à origem do conto de Beren e Lúthien, em uma pequena clareira de bosque repleta de flores de cicuta, perto de Roos em Yorkshire, onde minha mãe

dançou, e meu pai disse: “Mas a história distorceu-se, e fui deixado para trás, e *eu* não posso apelar diante do inexorável Mandos.”



[1] “Os Contos Perdidos” é o nome das versões originais das lendas de *O Silmarillion*. [N. E.]

[2] Duas formas de “élfico” em inglês. [N. T.]



NOTAS SOBRE OS DIAS ANTIGOS

A profundidade temporal à qual esta história remonta foi memoravelmente transmitida em um trecho de *O Senhor dos Anéis*. No grande conselho de Valfenda, Elrond falou da Última Aliança de Elfos e Homens e da derrota de Sauron ao final da Segunda Era, mais de 3 mil anos antes: Nesse ponto, Elrond fez uma pequena pausa e suspirou. “Lembro-me bem do esplendor de seus estandartes”, disse ele. “Ele me recordou a glória dos Dias Antigos e as hostes de Beleriand, tantos eram os grandes príncipes e capitães ali reunidos. Porém, não tantos, nem tão belos, quanto no rompimento das Thangorodrim, quando os Elfos julgaram que o mal estava terminado para sempre, e não estava.”

“Vós vos lembrais?”, disse Frodo, dizendo seu pensamento em voz alta de tão admirado. “Mas pensei,” gaguejou quando Elrond se voltou para ele, “pensei que a queda de Gil-galad aconteceu em era muito longínqua.”

“Assim foi de fato”, respondeu Elrond com gravidade. “Mas minha memória remonta até aos Dias Antigos. Eärendil foi meu pai, nascido em Gondolin antes que esta caísse; e minha mãe foi Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Vi três eras no Oeste do mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas.”

De Morgoth

Morgoth, o Sombrio Inimigo, como passou a ser chamado, foi originalmente, conforme declarou a Húrin, que fora trazido prisioneiro diante dele, “Melkor, primeiro e mais poderoso dos Valar, que existiu antes do mundo”. Então, permanentemente encarnado em forma de Rei gigantesco e majestoso, porém terrível, no noroeste da Terra-média, ele estava fisicamente presente em sua enorme fortaleza de Angband, os Infernos de Ferro; o fumo negro que escapava dos cumes das Thangorodrim, as montanhas que empilhara acima de Angband, podia ser visto ao longe, maculando o céu setentrional. Está dito nos *Anais de Beleriand* que “os portões de Morgoth ficavam a apenas cento e cinquenta léguas da ponte de Menegroth, distantes e, ainda assim, próximos demais”. Estas palavras referem-se à ponte que conduzia às habitações do rei élfico Thingol; estas eram chamadas Menegroth, as Mil Cavernas.

Mas, já que estava encarnado, Morgoth tinha medo. Meu pai escreveu sobre ele:

“À medida que crescia em malevolência e emitia de si o mal que concebia em mentiras e criaturas de maldade, seu poder passava para elas e se dispersava, e ele próprio se tornava cada vez mais ligado à terra, relutante em sair de seus escuros baluartes.” Assim, quando Fingolfin, Alto Rei dos Elfos noldorin, cavalgou sozinho até Angband para desafiar Morgoth ao combate, ele exclamou diante do portão: “Aparece, rei covarde, para lutar com tua própria mão! Habitante de toca, controlador de servos, mentiroso e espreitador, inimigo dos Deuses e dos Elfos, vem! Pois quero ver teu rosto covarde”. Então, (conta-se) Morgoth veio. Pois não podia recusar tal desafio diante do rosto de seus capitães. Lutou com o grande martelo Grond, que a cada golpe fazia um grande fosso, e abateu Fingolfin ao solo; mas ao morrer, este prendeu à terra o grande pé de Morgoth, e o sangue

negro escapou em jorros e encheu os fossos de Grond. Depois disso, Morgoth sempre andou coxeando. Assim também, quando Beren e Lúthien penetraram no mais profundo salão de Angband, onde Morgoth se assentava, Lúthien lançou um feitiço sobre ele e, subitamente, ele caiu como uma colina deslizando em avalanche e, arrojado como um trovão de seu trono, jazeu de bruços nos pisos do inferno.

De Beleriand

Quando Barbárvore caminhou pela floresta de Fangorn carregando Merry e Pippin, cada um na dobra de um braço, cantou para eles sobre antigas florestas na grande região de Beleriand, que foi destruída nos tumultos da Grande Batalha ao final dos Dias Antigos. O Grande Mar derramou-se, submergindo todas as terras a oeste das Montanhas Azuis, chamadas Ered Luin e Ered Lindon, de modo que o mapa que acompanha *O Silmarillion* termina a leste com essa cadeia de montanhas, enquanto que o mapa que acompanha *O Senhor dos Anéis* termina a oeste, também com as Montanhas Azuis. As terras costeiras além delas, do lado ocidental, eram tudo o que restava, na Terceira Era, daquela região chamada Ossiriand, Terra dos Sete Rios, onde Barbárvore caminhara outrora:

Passeei no verão entre os olmeiros de Ossiriand.

Ah! a luz e a música no Verão junto aos Sete Rios de Ossir!

E pensei que isso era melhor.

Foi sobre as passagens das Montanhas Azuis que os homens entraram em Beleriand, nessas montanhas estavam as cidades dos Anãos, Nogrod e Belegost; e foi em Ossiriand que Beren e Lúthien habitaram depois de Mandos lhes dar permissão para retornar à Terra-média (p. 299).

Barbárvore também caminhou entre os pinheiros de Dorthonion (“Terra dos Pinheiros”):

Aos pinheiros do planalto de Dorthonion subi no Inverno.

Ah! o vento e o alvor e os negros ramos do Inverno em Orod-na-Thôn!

Minha voz se ergueu e cantou no céu.

Mais tarde aquela região foi chamada de Taur-nu-Fuin, “a Floresta sob a Noite”, quando Morgoth a transformou em “uma região de temor e escuro encantamento, de vagar e desespero” (ver p. 109).

Dos Elfos

Os Elfos surgiram na terra muito longe, em uma região distante (Palisor) junto a um lago chamado Cuiviénen, a Água do Despertar; e de lá foram convocados pelos Valar a deixarem a Terra-média e, passando sobre o Grande Mar, a chegarem ao “Reino Abençoado” de Aman, no oeste do mundo, a terra dos Deuses. Os que aceitaram a convocação foram levados em uma grande marcha pela Terra-média pelo Vala Oromë, o Caçador, e são chamados Eldar, os Elfos da Grande Jornada, os Altos Elfos, distintos daqueles que, recusando a convocação, escolheram a Terra-média por região e destino.

Mas nem todos os Eldar, apesar de terem atravessado as Montanhas Azuis, partiram por sobre o mar, e os que ficaram em Beleriand são chamados Sindar, os Elfos Cinzentos. Seu alto rei era Thingol (que significa “Capa-gris”), que reinava em Menegroth, as Mil Cavernas em Doriath (Artanor). E nem todos os Eldar que atravessaram o Grande Mar permaneceram na terra dos Valar, pois um de seus grandes clãs, os Noldor (os “Mestres-do-Saber”), retornou à Terra-média, e eles são chamados de Exilados.

O principal impulsionador de sua rebelião contra os Valar foi Fëanor, criador das Silmarils; era o filho mais velho de Finwë, que liderara a hoste dos Noldor desde Cuiviénen, mas já havia morrido. Nas palavras de meu pai:

As Joias foram cobiçadas por Morgoth, o Inimigo, que as roubou e, após destruir as Árvores, as levou para a Terra-média e as guardou em sua grande fortaleza de Thangorodrim. Contra a vontade dos Valar, Fëanor abandonou o Reino Abençoado e exilou-se na Terra-média, conduzindo consigo grande

parte de seu povo, pois, em sua soberba, ele pretendia recuperar as Joias de Morgoth à força.

Seguiu-se depois a desesperada guerra dos Eldar e dos Edain [os Homens das Três Casas dos Amigos-dos-Elfos] contra Thangorodrim, em que, por fim, foram vencidos totalmente.

Antes de sua partida de Valinor ocorreu o terrível evento que maculou a história dos Noldor na Terra-média. Fëanor exigiu daqueles Teleri, a terceira hoste dos Eldar na Grande Jornada, que estavam morando na costa de Aman, que entregassem aos Noldor sua frota de navios, seu grande orgulho, pois sem navios a travessia de tal hoste para a Terra-média não seria possível. Os Teleri recusaram completamente.

Então Fëanor e sua gente atacaram os Teleri em sua cidade de Alqualondë, o Porto dos Cisnes, e tomaram a frota à força. Nessa batalha, conhecida por O Fratricídio, muitos dos Teleri foram mortos. Isso é mencionado em *O Conto de Tinúviel* (p. 38): “os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes” (ver p. 144, versos 514-19).

Fëanor foi morto em combate logo após o retorno dos Noldor à Terra-média, e seus sete filhos dominaram amplas terras ao leste de Beleriand, entre Dorthonion (Taur-na-fuin) e as Montanhas Azuis.

O segundo filho de Finwë foi Fingolfin (meio-irmão de Fëanor), que era considerado senhor supremo de todos os Noldor, e junto com seu filho Fingon ele reinava em Hithlum, que ficava ao norte e a oeste da grande cordilheira das Ered Wethrin, as Montanhas de Sombra. Fingolfin morreu em combate singular com Morgoth. O segundo filho de Fingolfin, irmão de Fingon, era Turgon, fundador e soberano da cidade oculta de Gondolin.

O terceiro filho de Finwë, irmão de Fingolfin e meio-irmão de Fëanor, era Finrod nos textos mais antigos, posteriormente Finarfin (ver p. 106). O filho mais velho de Finrod/Finarfin era Felagund nos textos mais antigos, porém mais tarde Finrod; ele, inspirado pela magnificência e beleza de Menegroth em Doriath, fundou a cidade-fortaleza subterrânea de

Nargothrond, pelo que foi chamado de Felagund, “Senhor de Cavernas”; assim, o Felagund mais antigo = o Finrod Felagund tardio.

Os portões de Nargothrond abriam-se para a garganta do rio Narog, em Beleriand Ocidental, mas o reino de Felagund estendia-se muito longe, a leste até o rio Sirion e a oeste até o rio Nenning, que chegava ao mar no porto de Eglarest. Mas Felagund foi morto nos calabouços de Thû, o Necromante, mais tarde Sauron, e Orodreth, o segundo filho de Finarfin, tomou a coroa de Nargothrond, como é contado neste livro (pp. 114-26).

Os demais filhos de Finarfin, Angrod e Egnor, vassallos de seu irmão Finrod Felagund, habitavam em Dorthonion, dando ao norte para a vasta planície de Ard-galen. Galadriel, irmã de Finrod Felagund, morou por longo tempo em Doriath com Melian, a Rainha. Melian (em textos mais antigos, Gwendeling e outras formas) era uma Maia, um espírito de grande poder que tomou forma humana e habitava nas florestas de Beleriand com o Rei Thingol; era mãe de Lúthien e antepassada de Elrond.

No sexagésimo ano após o retorno dos Noldor, pondo fim a muitos anos de paz, uma grande hoste de Orques desceu de Angband, mas foi totalmente derrotada e destruída pelos Noldor. Chamou-se a isto *Dagor Aglareb*, a Batalha Gloriosa, mas os senhores élficos a consideraram como um alerta e fizeram o Cerco de Angband, que durou quase quatrocentos anos.

O Cerco de Angband terminou com rapidez terrível (apesar de preparado havia muito) em uma noite do meio do inverno. Morgoth despejou rios de fogo que fluíram das Thangorodrim, e a grande planície gramada de Ard-galen, que ficava ao norte de Dorthonion, transformou-se em um deserto ressequido e árido, conhecido daí em diante por um nome mudado, *Anfauglith*, a Poeira Sufocante.

Esse assalto catastrófico foi chamado *Dagor Bragollach*, a Batalha da Chama Repentina (p. 108). Glaurung, Pai dos Dragões, emergiu então de Angband pela primeira vez com todo o seu poderio; vastos exércitos de Orques derramaram-se rumo ao sul; os senhores élficos de Dorthonion

foram mortos, assim como grande parte dos guerreiros do povo de Bëor (pp. 108-10). O Rei Fingolfin e seu filho Fingon foram rechaçados com os guerreiros de Hithlum até a fortaleza de Eithel Sirion (Poço do Sirion), onde o grande rio surgia na face leste das Montanhas de Sombra. As torrentes de fogo foram detidas pelas Montanhas de Sombra, e Hithlum e Dor-lómin permaneceram inconquistadas.

Foi no ano depois da *Bragollach* que Fingolfin, em fúria desesperada, cavalgou até Angband e desafiou Morgoth.





BEREN E LÚTHIEN

Em uma carta de meu pai, escrita em 16 de julho de 1964, ele disse:

O germe de minha tentativa de escrever lendas minhas para adequarem-se aos meus idiomas particulares foi o conto trágico do infeliz Kullervo no *Kalevala* finlandês. Permanece um aspecto importante nas lendas da Primeira Era (que espero publicar como *O Silmarillion*), embora como “Os Filhos de Húrin” esteja inteiramente modificado, exceto no final trágico. O segundo ponto foi a composição, “tirada da minha cabeça”, de “A Queda de Gondolin”, a história de Idril e Earendel, durante uma licença do exército por doença, em 1917, e a versão original do “Conto de Lúthien Tinúviel e Beren”, mais tarde no mesmo ano. Este foi originado por um pequeno bosque com grandes arbustos de “cicuta” (sem dúvida muitas outras plantas relacionadas também estavam lá) próximo a Roos em Holderness, onde estive por um tempo na Guarnição Humber.

Meu pai e minha mãe casaram-se em março de 1916, quando ele tinha 24 anos de idade, e ela, 27. Moraram primeiro na aldeia de Great Haywood, em Staffordshire, mas ele embarcou para a França e para a Batalha do Somme no começo de junho daquele ano. Doente, foi mandado de volta à Inglaterra no começo de novembro de 1916 e, na primavera de 1917, ele foi transferido para Yorkshire.

A versão primária de *O Conto de Tinúviel*, como ele o chamou, escrita em 1917, não existe — ou mais precisamente, existe apenas na forma fantasmagórica de um manuscrito a lápis que ele apagou quase por completo na maior parte de sua extensão; por cima ele escreveu o texto que é para nós a versão mais antiga. *O Conto de Tinúviel* foi uma das histórias constituintes da principal obra primitiva de meu pai sobre sua “mitologia”, *O Livro dos Contos Perdidos*, uma obra extremamente complexa que editei

nos dois primeiros volumes de *A História da Terra-média* (1983-84). Mas, já que o presente livro é expressamente dedicado à evolução da lenda de Beren e Lúthien, passarei aqui muito amplamente ao largo do estranho cenário e plateia dos *Contos Perdidos*, pois *O Conto de Tinúviel* é por si só quase inteiramente independente daquele cenário.

Era central para *O Livro dos Contos Perdidos* a história de um marinheiro inglês do período “anglo-saxão” chamado Eriol, ou Ælfwine, que, navegando muito longe rumo ao Oeste pelo oceano, chegou por fim a Tol Eressëa, a Ilha Solitária, onde viviam os Elfos que haviam partido das “Grandes Terras”, mais tarde “Terra-média” (um termo não usado nos *Contos Perdidos*). Durante sua estada em Tol Eressëa ele aprendeu com eles a verdadeira e antiga história da Criação, dos Deuses, dos Elfos e da Inglaterra. Essa história é “Os Contos Perdidos de Elfinesse”.

A obra existe em diversos “caderninhos de exercícios” maltratados, a tinta e a lápis, muitas vezes pavorosamente difícil de se ler, apesar de que, após muitas horas espiando o manuscrito por uma lente, fui capaz, muitos anos atrás, de elucidar todos os textos com apenas algumas palavras indeterminadas aqui e ali. *O Conto de Tinúviel* é uma das histórias que foram contadas a Eriol pelos Elfos na Ilha Solitária, neste caso por uma donzela chamada Vëannë; havia muitas crianças presentes quando as histórias foram recitadas. Com nítida observação de detalhes (uma característica surpreendente), ele é contado em estilo extremamente individual, com alguns arcaísmos de palavras e construções bem diferentes dos estilos posteriores de meu pai, intenso, poético, às vezes profundamente “élfico-misterioso”. Há também uma corrente subjacente de humor sarcástico na expressão, aqui e ali (no terrível confronto com o lobo demoníaco Karkaras, ao fugir com Beren do salão de Melko, Tinúviel indaga: “Por que tanta rispidez, Karkaras?”).

Em vez de aguardar a conclusão do Conto, creio que será útil, aqui, chamar a atenção para certos aspectos desta primeira versão da lenda e dar breves explicações de alguns nomes importantes da narrativa (que também podem ser encontrados na “Lista de Nomes”, ao final do livro).

O Conto de Tinúviel em forma reescrita, que é para nós a mais primitiva, de nenhum modo foi o mais antigo dos *Contos Perdidos*, e características de outros *Contos* lançam luz sobre ele. Para falar apenas da estrutura narrativa, alguns deles, como o conto de Túrin, não são muito remotos da versão publicada de *O Silmarillion*; alguns, notadamente “A Queda de Gondolin”, o primeiro a ser escrito, estão presentes na obra publicada apenas em forma severamente comprimida e alguns, mais notavelmente o presente Conto, são singularmente diferentes em certos aspectos.

Uma mudança fundamental na evolução da lenda de Beren e Tinúviel (Lúthien) foi o fato de entrar nela, depois, a história de Felagund de Nargothrond e dos filhos de Fëanor; mas igualmente significativa, em aspecto diferente, foi a alteração da identidade de Beren. Nas versões posteriores da lenda era um elemento de todo essencial que Beren fosse Homem mortal, enquanto que Lúthien era Elfa imortal, mas isso não estava presente no *Conto Perdido*: Beren era também um Elfo. (Pode-se ver, porém, nas notas de meu pai para outros *Contos* que ele era originalmente um Homem, e fica claro que isso também era verdade no manuscrito apagado de *O Conto de Tinúviel*.) O Elfo Beren pertencia ao povo élfico chamado Noldoli (depois Noldor), que nos *Contos Perdidos* (e mais tarde) está traduzido por “Gnomos”: Beren era um Gnomo. Mais tarde essa tradução transformou-se em um problema para meu pai. Ele estava usando outra palavra *Gnomo*, totalmente distinta em origem e significado desses Gnomos que hoje em dia são figurinhas especialmente associadas a jardins. Esse outro *Gnomo* derivava da palavra grega *gnōmē* “pensamento, inteligência”; esta mal sobrevive em inglês moderno com o significado de “aforismo, máxima”, junto com o adjetivo *gnômico*.

Em um rascunho do Apêndice F de *O Senhor dos Anéis* ele escreveu:

Às vezes (não neste livro) tenho usado “Gnomos” por *Noldor* e “gnômico” por *noldorin*. Fiz isso porque, para alguns, “Gnomo” ainda sugerirá conhecimento. Ora, o nome alto-élfico desse povo, Noldor, significa Aqueles que Sabem, pois dentre os três clãs dos Eldar, desde seu começo, os Noldor sempre se distinguiram, tanto por seu conhecimento das coisas que são e foram neste mundo, quanto por seu desejo de conhecer mais. Porém não se assemelhavam de nenhum modo aos Gnomos da teoria erudita, nem da imaginação popular, e agora abandonei essa representação por demasiado enganosa.

(De passagem, quero mencionar que ele também disse [em uma carta de 1954] que se arrependia muito de ter usado a palavra “Elfos”, que se tornou “sobrecarregada de tons deploráveis” que são “demais para se superar”.)

A hostilidade demonstrada a Beren, como Elfo, é explicada assim no antigo Conto (p. 41): “todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor-lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais.”

Pode muito bem parecer um tanto intrigante que a palavra “fada, fadas”^[3] seja frequentemente usada com referência aos Elfos. Assim, sobre as mariposas brancas que voavam no bosque, “como Tinúviel era uma fada, não se importava com elas” (p. 38); ela se chama de “Princesa das Fadas” (p. 59); diz-se dela (p. 67) que “empenhou sua habilidade e sua magia de fada”. Em primeiro lugar, a palavra *fadas* nos *Contos Perdidos* é sinônimo de *Elfos*, e nesses contos há diversas referências à estatura física relativa dos Homens e dos Elfos. Naqueles dias pregressos, os conceitos de meu pai sobre tais assuntos eram um tanto flutuantes, mas fica claro que ele concebeu uma relação cambiante com o passar das eras. Assim, ele escreveu:

De início os Homens eram quase da mesma estatura dos Elfos, sendo as fadas muito maiores e os Homens menores que agora.

Mas a evolução dos Elfos foi bastante influenciada pela chegada dos Homens:

Mesmo à medida que os Homens se tornam mais numerosos e poderosos, as fadas mínguam e ficam pequenas e tênues, translúcidas e transparentes, mas os Homens, maiores e mais densos e brutos. Por fim, os Homens, ou a maioria dos Homens, não conseguem mais ver as fadas.

Assim, não é necessário supor, em virtude da palavra, que meu pai imaginou as “Fadas” deste conto como translúcidas e transparentes, e é claro que anos mais tarde, quando os Elfos da Terceira Era haviam entrado na história da Terra-média, não havia neles nada de “semelhante a fada”, no sentido moderno.

A palavra *fata*^[4] é mais obscura. Em *O Conto de Tinúviel* ela é usada frequentemente a respeito de Melian (mãe de Lúthien), que veio de Valinor (e é chamada de “filha dos Deuses”; ver p. 37), mas também a respeito de Tevildo, que é descrito como “fata maligno em forma de animal” (p. 65). Em outros trechos dos *Contos* há referências à “sabedoria dos fatas e dos Eldar”, a “Orques e dragões e fatas malignos” e a “um fata dos bosques e vales”. Talvez o mais notável seja o seguinte trecho do *Conto da Chegada dos Valar*:

Em torno deles vinha uma grande hoste, que são os espíritos das árvores e dos bosques, do vale e da floresta e da encosta da montanha, ou aqueles que cantam em meio à grama pela manhã e entoam canções em meio ao trigo em pé à tardinha. Esses são os Nermir e os Tavari, Nandini e Orossi, [fatas (?) dos prados, dos bosques, dos vales, das montanhas], fatas, trasgos, duendes e o que mais forem chamados, pois seu número é muito grande, porém não devem ser confundidos com os Eldar [Elfos], pois nasceram antes do mundo e são mais velhos que os mais velhos deste e não são dele.

Outro aspecto intrigante que aparece não apenas em *O Conto de Tinúviel* e do qual não encontrei explicação, nem qualquer observação mais geral, diz respeito ao poder que os Valar possuem sobre os assuntos dos Homens e dos Elfos, e de fato sobre suas mentes e seus corações, nas longínquas Grandes Terras (Terra-média). Dando exemplos: na p. 73, “os Valar levaram--no [Huan] a uma clareira”, onde Beren e Lúthien jaziam no chão durante sua fuga de Angband; e ela disse a seu pai (p. 76): “somente os Valar salvaram [Beren] de morte amarga”. Ou, por outro lado, o relato da fuga de Lúthien de Doriath (p. 53), “não penetrou naquela região escura e, recobrando a coragem, seguiu avante” foi mais tarde mudado para “não penetrou naquela região escura, e os Valar puseram nova esperança em seu coração, de modo que seguiu avante outra vez”.

No que diz respeito aos nomes que aparecem no Conto, notarei aqui que *Artanor* corresponde à *Doriath* posterior, também chamada de *A Terra Além*; ao norte ficava a barreira das *Montanhas de Ferro*, também chamada de *Morros Amargos*, por sobre as quais Beren veio; mais tarde tornaram-se *Ered Wethrin*, as *Montanhas da Sombra*. Além das montanhas ficava *Hisilómë* (*Hithlum*), a Terra de Sombra, também chamada *Dor-lómin*. *Palisor* (p. 34) é a terra onde os Elfos despertaram.

Os Valar são frequentemente referidos como os Deuses, também chamados *Ainur* (singular *Ainu*). *Melko* (mais tarde *Melkor*) é o grande Vala maligno, chamado *Morgoth*, o Sombrio Inimigo, após seu roubo das Silmarils. *Mandos* é o nome do Vala e do lugar onde habita. Ele é o vigia das Casas dos Mortos.

Manwë é o senhor dos Valar; Varda, fazedora das estrelas, é esposa de Manwë e mora com ele no topo de Taniquetil, a mais alta montanha de Arda. As Duas Árvores são as grandes árvores cujas flores davam luz a Valinor, destruídas por Morgoth e a monstruosa aranha Ungoliant.

Por fim, este é um lugar conveniente para dizer algo sobre as Silmarils, fundamentais à lenda de Beren e Lúthien: foram obra de Fëanor, o maior dos Noldor: “o mais poderoso em habilidade da palavra e da mão”; seu nome significa “Espírito de Fogo”. Citarei aqui um trecho do texto posterior (1930) de “O Silmarillion” intitulado *Quenta Noldorinwa* (sobre o qual ver p. 105):

Naqueles dias Fëanor começou, certa vez, uma labuta longa e maravilhosa e convocou todo o seu poder e sua sutil magia, pois pretendia fazer algo mais belo do que qualquer um dos Eldar jamais fizera, que haveria de durar além do fim de tudo. Três joias fez ele e as chamou Silmarils. Um fogo vivente ardia dentro delas que era mesclado da luz das Duas Árvores; por sua própria radiância elas luziam até mesmo no escuro, nenhuma impura carne mortal podia tocá-las sem ser mirrar e ser queimada. Essas joias eram apreciadas pelos Elfos além de todas as obras de suas mãos, e Manwë as consagrou, e Varda disse: “O destino dos Elfos está encerrado nelas, e o destino de muitas outras coisas.” O coração de Fëanor estava enredado com os objetos que ele mesmo fizera.

Um juramento terrível e profundamente destrutivo foi feito por Fëanor e seus sete filhos, asseverando seu direito solitário e inviolável às Silmarils, que foram roubadas por Morgoth.

O conto de Vëannë foi expressamente dirigido a Eriol (*Ælfwine*), que jamais ouvira falar de Tinúviel, mas do modo como ela o expressa não existe abertura formal: começa por um relato de Tinwelint e Gwendeling (mais tarde conhecidos por Thingol e Melian). No entanto, voltarei a me referir ao *Quenta Noldorinwa* para este elemento essencial da lenda. No *Conto*, o temível Tinwelint (Thingol) é um vulto central: o rei dos Elfos que habitava nos profundos bosques de Artanor, reinando desde sua vasta caverna no coração da floresta. Mas a rainha era também personagem de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Beren e Lúthien"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).